

Usos Sociais e Democráticos para Vocabulários Escolares Indígenas

Social and Democratic Uses for School Indigenous Vocabularies

Clara Carolina Santos
Faculdade Santo Agostinho

Resumo. O Projeto Tupinambá realiza atividades de assessoramento linguístico para professores indígenas, com atividades formativas para professores da escola Sapucaeira e nucleadas na cidade de Olivença, distrito de Ilhéus, Bahia. Uma das etapas do projeto foi a produção de um vocabulário de uso escolar da língua Tupinambá. Este vocabulário trouxe como inovação a transcrição fonética dos vocábulos. Neste texto, refletimos a respeito das escolhas macroestruturais do vocabulário, com ênfase para a definição dos lemas das palavras. Esta escolha é fundamental para orientar a ordem do vocabulário e o estudo da língua em contexto escolar. Apresentamos as escolhas iniciais e as mudanças após os encontros regulares com a comunidade de professores indígenas, nas escolas. Baseamos nossas escolhas em princípios definidos em assembleias democráticas nas quais os próprios professores indicaram caminhos para o melhor uso do vocabulário entre os alunos dos cursos de formação básica.

Palavras-Chave: Vocabulário; Tupinambá; Linguística; Lexicografia.

Abstract. The Tupinambá Project carries out linguistic advisory activities for indigenous teachers, with training activities for teachers of the Sapucaeira and nucleated schools located in the city of Olivença, district of Ilhéus, Bahia. One of the stages of the project was the production of a vocabulary from the Tupinambá language able to be used on the mentioned schools. This vocabulary brought the phonetic transcription of the words as an innovation. On this paper, we reflect about of the macro-structural choices relate d to the vocabulary, with emphasis on the definition of the roots of the words. The methodological choices were assumed as essential to guide the order of vocabulary and the study of the language in a school context. The results presented on the paper were constructed based on the initial choices and changes after regular meetings with the community of indigenous teachers in schools. They were defined in democratic assemblies' principles, in which the teachers themselves indicated ways for the better use of the vocabulary among students of basic levels from schools.

Keywords: Vocabulary; Tupinambá; Linguistics; Lexicography.

1. O Projeto Tupinambá

O *Projeto Tupinambá* oferece assessoramento linguístico para a comunidade Tupinambá, em Olivença, distrito de Ilhéus, na Bahia. Entre as tarefas do *Projeto Tupinambá*, produzimos materiais didáticos que visam favorecer o ensino do Tupinambá como segunda língua na Escola Sapucaeira e nucleadas. Essa ação faz parte de um planejamento linguístico orientado na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), pela professora Consuelo Costa, e abraçado pela comunidade por meio de encontros regulares para a formação linguística dos professores das escolas.

Como parte integrante do *Projeto Tupinambá*, a elaboração de um vocabulário escolar bilíngue Tupinambá – Português foi o objetivo do estudo *Tupinambá lê'ëga: Vocabulário Escolar* (2013). A inovação deste vocabulário foi grafar as transcrições fonéticas dos verbetes. Este vocabulário compõe o conjunto de materiais didáticos elaborados pelos professores Tupinambá de Olivença (BA), de modo a contribuir com seu projeto de revitalização linguística e ensino bilíngue, objetivando diminuir os efeitos da colonização violenta que fez com que os Tupinambá abandonassem sua língua.



Atualmente, existem *lembrantes* da língua na região de Ilhéus (Bahia). Devido a um intenso processo de massacre do povo tupinambá e, também, de sua cultura, a língua original foi substituída pela língua portuguesa. A afirmação identitária do povo Tupinambá orienta nosso estudo a considerar a língua inserida em seu contexto histórico e sociocultural, articulando objetivos acadêmicos e sociais.

Inicialmente, partimos de entrevistas e conversas com os professores. Quais dicionários eles utilizavam? Quais livros conheciam? Circulava, na comunidade, um pequeno documento com cerca de 150 verbetes, escritos conforme a ortografia da língua portuguesa. Os professores afirmam que alguns verbetes são oriundos das lembranças da língua por meio dos mais velhos. Não sabíamos a origem exata do documento e muitos lexemas eram retirados do *Dicionário* de Gonçalves Dias.

Dada a necessidade de um trabalho imediato com a pronúncia da língua, conforme o sistema fonológico da língua Tupinambá, os dados iniciais foram retirados, em sua maioria, do *Dicionário* de Gonçalves Dias. Isso foi necessário pois este é o Dicionário mais citado na comunidade para escolha dos nomes dos filhos nascidos e mais amplamente reconhecido entre os Tupinambás como um Dicionário fidedigno à língua que eles esperam revitalizar.

É claro que o *Dicionário* de Gonçalves Dias é distante muitos séculos da língua falada na costa e certamente apresenta dados da língua geral, do guarani e outras variedades. Contando com o apoio da professora Consuelo Costa, eliminamos aquelas apropriações e aportuguesamentos, selecionando um léxico para estudo da língua Tupinambá.

Esperávamos que a transcrição fonética de um vasto número de palavras recolhidas de fontes secundárias pudesse servir para a assimilação e conhecimento de traços fonológicos da língua Tupinambá inexistentes na língua portuguesa – a qual os professores e alunos da Escola Sapucaeira e nucleadas são falantes. Com o tempo e prosseguindo com o *projeto Tupinambá* aprimoramos os dados, mais em diálogo com a comunidade, a partir do aprendizado deles sobre a língua.

Para a ordenação de um vocabulário escolar para a língua Tupinambá, em Olivença (Bahia), seguimos, a princípio, a ordenação vocabular proposta por Gonçalves Dias (1858) e Lemos Barbosa (1970). A língua tupinambá é fartamente documentada por historiadores, viajantes estrangeiros e migrantes nacionais. Os primeiros registros de palavras a respeito da língua Tupinambá datam de 1570 e existem estudos acadêmicos bem recentes a respeito dos aspectos materiais, culturais e linguísticos do povo Tupinambá. Esse longo processo de estudo e registro das línguas dos habitantes da costa brasileira orientou a produção dos materiais didáticos para uso escolar.

Iniciamos o vocabulário observando a farta documentação a respeito da língua Tupinambá, produzida desde 1570 por estrangeiros viajantes. Com o objetivo acadêmico, analisamos e descrevemos estes textos históricos. Nas reuniões periódicas na Escola Sapucaeira, em contato com os professores indígenas, produzimos os materiais didáticos voltados para reinserir a língua Tupinambá no ensino bilíngue das escolas. Esse segundo objetivo é mais diretamente ligado à revitalização linguística no ambiente em que a língua Tupinambá era falada, estimulando o retorno da língua original dentro da comunidade e diminuindo a crescente perda linguística promovida por anos de opressão e massacres.

Em ambientes acadêmicos, a coleta de dados para a produção de uma gramática, conjunto de textos e dicionários é bastante comum. Para essas produções, os vocabulários servem para a





verificação dos dados coletados pelos pesquisadores. Para nosso estudo, o vocabulário tem uma importância prática e é o foco da investigação documental linguística.

Os vocabulários escolares servem como ferramentas para estudar a gramática e a fonologia da língua e, também, a cultura a qual ele está associado. O *Tupinambá lê'êga: Vocabulário Escolar* (2013) foi requerido pela própria comunidade Tupinambá, preocupados com a revitalização linguística em seus ambientes de ensino.

Para produzir esse material didático, pensamos a respeito da macroestrutura do vocabulário. É interessante organizar o vocabulário por ordem alfabética ou ordem semântica? Qual será a organização interna dos verbetes, seleção das entradas e subentradas? Quais os tipos e a natureza das informações a serem incluídas como referências a cada palavra? Todas essas perguntas são melhor respondidas se forem conduzidas pelas impressões dos usuários do vocabulário.

Em estudo sobre dicionários indígenas, Raimunda Benedita Cristina Caldas (2009) apresentou critérios para seleção de entradas lexicográficas em Dicionários Bílingues de Tupi-Espanhol, Tupi-Francês e Tupi-Português. São caracterizadas implicações metodológicas das escolhas de cada tipo de entrada e como a figuração de determinada entrada pode ou não representar uma estrutura sintática das línguas Tupi. Em nenhum dos dicionários estudados pela autora consta a presença da transcrição fonética.

Para escolha do *corpus*, consideramos as referências bibliográficas em domínio públicos citadas pelos professores da comunidade Tupinambá sobre a língua Tupi e as necessidades do grupo de professores para aprender e ensinar a língua. Escolhemos como referência, para compor o *corpus*, o Vocabulário bilingue, pois, como sugere a bibliografia sobre o tema, "muitos aprendizes de L2 preferem vocabulários bilíngues provavelmente porque eles trazem satisfação instantânea, onde os professores objetivam ganhos a longo termo, o que eles atestam ser mais assegurado com dicionários monolíngues" (BOGAARDS, 2003, p.27). É escolha desse vocabulário se restringir às atividades citadas na bibliografia escrita pela comunidade Tupinambá.

A exemplo do trabalho de Fargetti¹(2006) com a comunidade Juruna, selecionamos os lexemas a partir da cultura material da comunidade. A autora dá como exemplo o termo *tipiti*, ao mesmo tempo objeto artístico e artefato para manufaturar a mandioca e, ao cumprir ambas funções, o objeto participa do dia a dia da comunidade.

Nesta intenção de descobrir aqueles lexemas que podem funcionar em uso na e para a comunidade, o *Resumo do Relatório Circunstanciado de Delimitação da Terra Indígena Tupinambá de Olivença*, correspondente ao processo de número 08620.00152, descreve aquilo que constitui a identidade da comunidade Tupinambá e forneceu elementos da cultura material para compor o vocabulário. Neste *Relatório* são citadas atividades como a pesca no mar e no rio, "a extração de piaçaba, bem como atividades ligadas ao turismo, festas e rituais que caracterizam seu modo de ser e estar no mundo" (p.1); as atividades relacionadas aos manguezais, o coco, a mata; a caça, o processamento da mandioca; "valores da solidariedade comunitária que marcam seu modo de ser e os diferenciam dos não indígenas" (p.3); "os princípios de organização social tradicional (por

¹ A exemplo do trabalho de Fargetti (2006) com a comunidade Juruna: "a participação dos falantes nativos na elaboração de um dicionário de sua língua é, para nós, essencial. Ela não se limita apenas à elicitación de dados, numa relação pesquisador-informante, mas se expande à participação do falante nas decisões de macro e microestrutura da obra" (p.118).





exemplo, a residência pós marital primeiro com os pais do noivo e depois com os pais da noiva” (p.3) e o consumo da bebida fruto da fermentação do aipim (giroba).

O livro *Memória Viva do Tupinambá* (2007), organizado pelos professores indígenas da região de Olivença, atualiza estes mesmos elementos descritos no relatório, bem como fornecem informações sobre a história, vida material e reivindicações do povo Tupinambá e, decerto, fortalecem o encaminhamento do vocabulário para aspectos da vida cotidiana Tupinambá.

A intenção é elaborar um modelo de vocabulário bilíngue que compreenda um acervo lexical representativo da língua e da cultura Tupinambá, tendo como alvo o povo Tupinambá, embora também se destine a linguistas e outros estudiosos da língua, razão pela qual são incluídas informações fonéticas correspondentes a cada entrada.

À época de produção do vocabulário, esperávamos que, em seu contexto de uso para a comunidade Tupinambá de Olivença, as transcrições fonéticas servissem, em conjunto com o material didático, para avaliar o nível de letramento e de proficiência em leitura e fala dos alunos da educação básica da escola indígena.

Desde a década de 60 do século passado, lexicógrafos e lexicologistas estão mais convencidos de que a organização de um léxico num material deve servir às necessidades do grupo a que se destina aquele vocabulário (BOGAARDS, 2003). Para estes estudiosos, um vocabulário representa mais uma das ferramentas necessárias para utilizar a língua, a depender da ocasião, nem sempre a mais eficaz. Para o caso Tupinambá, não deixa de ser interessante a proposta de elaboração de um vocabulário a partir do ponto de vista dos próprios usuários do material, pois eles mesmos têm a língua Tupinambá como língua estrangeira e, por isso, a prioridade circunstancial é transcrever os termos em tupinambá traduzindo-os para a língua portuguesa.

Fixamos a apresentação do léxico deste modo:

Ába – ['aβa] Cabelo

O lema do vocabulário será seguido de uma transcrição fonética e sua conseguinte tradução para a língua portuguesa. O lema será escrito como ele foi grafado em sua variação histórica, como no exemplo, a palavra *Abá*, escrita com a letra *b*, embora este fonema inexistia no sistema fonológico do Tupinambá. É bastante importante explicar o uso da letra ‘B’ para a comunidade Tupinambá, em Olivença, apesar desse fonema ser inexistente no sistema fonológico Tupinambá.

Se por um lado é bem confortante pensarmos as instituições de ensino superior (e seus pesquisadores) como mediadores de saberes das nações indígenas, por outro a democratização deste saber construído nestas instituições não deixa de ser *atravessadora* daquele saber próprio que explica. Portanto, um uso mais democrático do espaço público universitário deve considerar usos mais justos também na comunidade a que este estudo faz referência e é neste trânsito que mudanças podem se efetivar.

Um exemplo contrário, menos democrático, disso que falamos é o modo como línguas naturais brasileiras são conhecidas a partir do relato de algum viajante, etnógrafo, jesuíta, botânico ou estudioso. Como se sabe, o ofício realizado por aquele que descreveu a língua serviu para usos diversos e contribuiu para uma diversidade de realizações que deixou aos Tupinambá de Olivença ortografias diferentes que, em seu uso de sala de aula, multiplicaram-se na escrita de cada um dos professores.





Em Gramáticas seiscentistas e reimpressas no século XIX, assim se diz da ortografia Tupinambá: “as letras, de que se usa n'esta língua são as seguintes: A, B, C, D, E, G, H, I, Y, K, M, N, O, P, Q, R, T, U, X, til. Ficam excluídas F, L, S, Z. Também não se usa rr dobrado ou áspero (FIGUEIRA, 1880, p.11)

O primeiro passo do processo de revitalização da língua foi a reunião, em uma assembleia democrática, com a finalidade de convencionar-se uma ortografia única para a língua². Nesta assembleia, os Tupinambás elegeram quais letras representariam melhor os sons da língua. Para cada som da língua foi apresentada uma lista das várias possibilidades de ortografia/escrita presentes nos diferentes autores, apontando as vantagens e desvantagens de cada escolha e considerando, em todos os casos, as necessidades da escola e do ensino desta língua. Os critérios utilizados não foram somente os linguísticos em si (relação da fonologia com a ortografia, morfologia etc.), mas se levou também em conta critérios didático-pedagógicos, sociais (identitários) e até estéticos.

O alfabeto Tupinambá é composto por 24 símbolos no total: 18 para consoantes e 6 símbolos para vogais. Em um contexto de ensino bilíngue e tendo a língua portuguesa como língua majoritária, havíamos de considerar que a convenção de uma ortografia não seria uma escolha simples. Alguns símbolos foram apresentados numa assembleia em 07/11/2010, observando-se: 1) os (vários) padrões ortográficos já adotados historicamente, 2) o fato de os Tupinambás terem o português como língua materna e 3) as possíveis consequências didático-pedagógicas que determinada escolha poderia suscitar.

Nessa assembleia, apresentamos um quadro com as possibilidades de grafia de cada fonema. Abaixo do quadro *Letra* dispúnhamos símbolos possíveis para o fonema em questão, apresentando ao lado as *vantagens* e *desvantagens* de cada escolha em relação à escrita, ao aprendizado e ao valor no sistema fonológico do Tupi e, em alguns casos, a relação que poderia existir entre o sistema fonológico da língua portuguesa e da língua Tupi, já que não podemos desconsiderar o fato do português ser a língua majoritária entre os Tupinambá. Abaixo de cada tabela foram apresentados exemplos de palavras em Tupi para cada um dos usos possíveis na escrita. Por fim, analisando o resultado visual de cada escolha, a comunidade elegeu em diálogo o símbolo de sua preferência, os quais foram grafados em um quadro logo abaixo das palavras.

No exemplo que se segue abaixo, para a fricativa bilabial sonora [β], a escolha da grafia da letra na *Convenção Linguística Tupinambá* foi pautada no trabalho pedagógico que já estava encaminhado em sala de aula. A letra "b" era conhecida dos alunos e, assim, eles não teriam o desafio para assimilar mais uma letra, como o "w".

² O Projeto Tupinambá é coordenado por Consuelo Costa, professora do DELL/UESB.





Possibilidades: [β] - não tem no português, mas tem no espanhol: "caballo", "veinte", escrevendo-se com "b" ou com "v"

Letra	Vantagens	Desvantagens
B	Aparece na maioria das ortografias. É bilabial	é usado com outro valor fonético no português. Pode confundir com o som de "b", pois não é oclusiva.
V	é uma fricativa	é usado com outro valor fonético no português. pode confundir como som de "v", pois não é labiodental.
W	é uma letra que não usamos no português.	É uma letra "diferente" podendo confundir com o som de "u"

Exemplos:

"Homem"

aba

ava

awa

"rosto"

toba

tova

towa

"Terra"

yby

yvy

ywy

Símbolo escolhido pela comunidade:

B

Fonte: Documento da 1a. Convenção Ortográfica Tupinambá de Olivença (07/11/2010).
Acervo Projeto Tupinambá.

2. Resultados e conclusões

A transcrição fonética indicada imediatamente após o lema fornece a informação necessária para compreender a pronúncia deste lema. O professor, ao verificar as palavras com a ortografia 'B', apresenta, também a fala do som. Com o maior uso do vocabulário e ensino mais produtivo da língua entre os estudantes do curso básico, é possível verificar como eles reagem ao som. Há, sempre, a possibilidade de revisarem a ortografia. A transcrição fonética do verbete garante a pronúncia da palavra mais próxima ao sistema fonológico da língua. Portanto, nesse caso mencionado, temos a escrita de uma letra que não possui som na língua. A transcrição fonética fornece a informação real do som, impossibilitando o professor e o aluno de trocar o som da palavra e respeitando a escolha didático-pedagógica dos próprios professores.

No exemplo citado, a transcrição fonética auxiliará a não confundir a pronúncia com o símbolo da letra. O vocabulário escolar bilíngue Tupinambá – Português tem a inovação, em relação aos dicionários escolares em línguas indígenas em Tupinambá, de apresentar a transcrição fonética dos verbetes o que, em conjunto com as *oficinas de fonética e fonologia* e o *grupo de estudos* da gramática da língua Tupi, oferecidas aos professores indígenas, proporciona um suporte material que auxilia de modo seguro o uso da língua na escola e sua retomada pela comunidade.

Além disso, este vocabulário diferenciou-se dos demais vocabulários do Tupinambás por considerar a convenção ortográfica dos índios de Olivença, que unificaram e uniformizaram a escrita de sua língua na já mencionada assembleia linguística, em novembro de 2010. Para indicar a pronúncia utilizamos o *International Phonetic Alphabet* (IPA). Esperamos, com isso, priorizar a variedade falada em Olivença, já que, como dito no início do texto, o Tupinambá é uma língua com uma variedade considerável de pronúncias. Para a transcrição, desconsideramos, também, as





diferenças de estilo e sociais que são também marcadas na pronúncia. Apoiamos nossas escolhas nas intenções de aprendizado do Tupinambá como língua estrangeira entre os Tupinambás e também na proposta de Caluwe & Santen (2003) para o tratamento fonológico dos lemas em dicionário monolíngues:

Não é propósito de um grande dicionário monolíngue descrever variedades na pronúncia. Existem razões práticas para isso, claro, mas a razão principal é que um amplo dicionário deve ser considerado pela maior parte dos falantes que representam a norma em uma língua, particularmente em sua pronúncia (CALUWE; SANTEN, 2003, p.73³).

Este vocabulário deverá ser de utilidade nas atividades escolares voltadas para o ensino e fortalecimento da língua Tupinambá e pode constituir-se como uma importante referência da língua e de aspectos da cultura Tupinambá. Dessa forma, os resultados deste estudo deverão servir como material de apoio à escola e nucleadas Tupinambá, mas também para o ensino do português, pois atualmente os Tupinambá buscam uma aprendizagem escolar nas duas línguas. Os vocábulos foram organizados conforme as necessidades dos alunos e professores Tupinambás, como sugere Svensén.

Dicionários são um fenômeno cultural. É lugar comum dizer que um dicionário é produto de uma cultura e nela tem seu lugar; mas é pouco dizer que ele significa uma importante parte no desenvolvimento daquela cultura. Dicionários diferentes tem diferentes propósitos. Eles são produzidos na intenção de encontrar as necessidades individuais de informação (LEXICOGRAFIA UTILITÁRIA) ou as necessidades da comunidade – nacional, política, científica, etc. – para preservar informação para o futuro (LEXICOGRAFIA DOCUMENTAL⁴) (SVENSÉN, 2009, p.01).

A ideia deste estudo decorre da necessidade de desenvolvimento de um vocabulário de língua que possa servir de fato aos Tupinambás, priorizando a qualidade de material didático para o ensino do Tupinambá e, quiçá, o seu uso em diferentes contextos na escola e em casa, entre os alunos. Ao lado disso existem também o anseio de revitalização da língua já perdida.

O jogo entre essas duas necessidades insere esse vocabulário entre as duas espécies de lexicografia – a utilitária e a documental. A primeira será dar suporte às atividades metodológicas escolares desenvolvidas pelos professores na comunidade e, aqui, o Tupinambá é visto como uma língua estrangeira, com o propósito de ser aprendida e ensinada por falantes do português. A segunda poderá servir para atualizar a documentação da língua tupi falada na costa. Neste uso, a lexicografia pode auxiliar nas atividades diplomáticas da comunidade Tupinambá, pode influenciar ideologicamente as pessoas da comunidade a estudar mais a língua dos antepassados e promover a aceitação da identidade Tupinambá entre os que perderam a língua e nos contornos geográficos de Olivença onde pessoas brasileiras residem.

³ "It is not the purpose of larger monolingual dictionaries to describe varieties in pronunciation. There are practical reasons for this, of course, but the main reason is that larger dictionaries are considered by most speakers to represent the norm in language, particularly as far as pronunciation is concerned" (CALUWE; SANTEN, 2009, p. 73).

⁴ "Dictionaries are a cultural phenomenon. It is a commonplace to say that a dictionary is a product of the culture in which it has come into being; it is less so to say that it plays an important part in the development of that culture. Different dictionaries have different purposes. They are produced in order to meet either individual's needs for information (UTILITY LEXICOGRAPHY) or the needs of a community - national, political, scientific, etc. - to preserve information for the future (DOCUMENTARY LEXICOGRAPHY)" (SVENSÉN, 2009, p.01).





A escolha por um vocabulário bilíngue com transcrição fonética foi feita nos encontros linguísticos para estudo do Tupinambá assessorados pela professora Consuelo Costa, a fim de ampliar os registros da língua Tupinambá e também pela necessidade de um registro que fosse utilizado na aprendizagem da língua nas escolas da aldeia. Parte da delimitação dos vocábulos do dicionário é realizado por meio de entrevistas com os índios mais idosos, ainda *lembrantes* de sentenças e palavras da língua, o que contribui para que seja retomada a língua Tupinambá como era realmente falada na região, com suas especificidades de variação que a diferenciam do Tupi tradicionalmente descrito nos estudos, o que atende a um pedido da comunidade. Esse movimento torna este trabalho em constante elaboração, o que é próprio para a lexicografia:

Fontes secundárias incluem uma variedade de opções, as quais, como regra, são pragmaticamente combinadas. Exceto em casos de um primeiro dicionário de uma língua sendo planejado, lexicógrafos sempre consultam outros dicionários ou edições prévias do mesmo dicionário. O objetivo principal passa a ser a verificação de suas definições e do tratamento geral de cada entrada, lexicógrafos observam omissões, mudanças ou novos modos e palavras não grafadas anteriormente ou em algum outro lugar. Quando necessitam de mais informações e suporte para os dados, os lexicógrafos consultam o corpus, se algum, utiliza dicionários especializados, índices ou enciclopédias (para o caso de termos, usualmente) ou buscam outras técnicas⁵ (ČERNÁK, 2003, p.19).

A língua Tupinambá até então contava com manuscritos seiscentistas e suas atualizações pela Companhia Jesuítica, posteriormente pelos indigenistas novecentistas e, mais recentemente, por filólogos. Grande parte da produção científica no século XX faz uso deste material para compor manuais de ensino da língua Tupi, dicionários e estudos morfológicos, fonológicos etc. Para este estudo do Tupinambá em sua variação na região de Olivença, além destes documentos, é importante as determinações da comunidade sobre sua língua a ser retomada, revitalizada, e, neste sentido, a elaboração do vocabulário visa preencher esta lacuna.

Quando pensamos em escrita e escolarização de uma língua indígena nestas condições, deparamo-nos inevitavelmente com alguns desafios: o primeiro é o aprendizado da pronúncia exata dos sons da língua Tupinambá, porque os professores e alunos da comunidade Tupinambá de Olivença são falantes do português e, inevitavelmente, utilizam como filtro da língua os fonemas do português brasileiro. Um exemplo deste desafio é a execução da vogal central alta [ɨ], grafada com a letra “y” em palavras como yby “terra”, poty “flor”, y “água, rio”; o segundo desafio é a distância entre a língua a ser revitalizada, os motivos que levaram o povo a abandoná-la e os escritos que servem como referência para o seu aprendizado. Uma correção acurada dos verbetes, comparando diversas gramáticas e vocabulários diferentes, minimizaram os possíveis desvios na grafia.

A definição da ortografia a ser usada para se escrever o tupi – até então uma língua ágrafa - foi uma das tarefas da Companhia de Jesus num esforço que ficou conhecido como “disciplinização

⁵ "The secondary resources include a variety of options, which, as a rule, are pragmatically combined. Except in the case of a first dictionary of a language being planned, lexicographers always consult other dictionaries or previous editions of the same dictionary. With their main goal being verification of their own definitions and the general treatment of an entry, they specifically look for omissions, changes and new features or words not recorded before or recorded elsewhere. When in need of more information and data support, they may specifically consult their corpus, if any, use specialised dictionaries, indexes or encyclopedias (in the case of terms, usually) or resort to other techniques" (ČERNÁK, 2003, p.19).





da língua” ou uma “sistematização simplificada” (CÂMARA JR., 1979, p.101-103) da gramática do Tupi Antigo e encontra sua realização nos registros de *Catequese*, nos *Vocabulários* ou nas *Gramáticas* seiscentistas. Um exemplo conhecido é, novamente, a vogal alta central [i] associada ao seu uso no latim, “ora de vogal, ora de consoante” (FIGUEIRA, 1880, p.11). Em alguns registros esta vogal aparece grafada com “dois pontos na cabeça, e outro no pé” (FIGUEIRA, 1880, p.11). Chamada de “i grosso” ou “áspero” (ANCHIETA, 1595) a vogal alta central [i] tem sua realização sonora explicada “como entre u, e i” (FIGUEIRA, 1880, p.11) “d'onde nasce que alguns o fazem u e outros fazem i”⁶ (FIGUEIRA, 1880, p.11).

Apresentado o estado da questão, é justo dizer que, de fato, as diferentes grafias complicam a análise, porém, nos permitem fazer deduções sobre o sistema fonológico em questão, com base na relação som/letra usada por cada autor e explicitada, o mais das vezes, em capítulos iniciais às obras intitulados “chave de pronúncia” ou algo que o valha. Espera-se que, com o suporte da transcrição fonética, os possíveis equívocos na pronúncia e/ou escrita – provenientes da convivência entre várias ortografias divergentes, para a língua tupinambá, propostas desde o período colonial (além, é claro, da presença majoritária da língua portuguesa) – sejam minimizados, pois a transcrição é capaz de contribuir significativamente para a compreensão adequada da pronúncia e apontar caminhos para a compreensão de processos fonológicos presentes no léxico da língua Tupinambá.

Mesmo que a representação da variação do Tupinambá em Olivença, Ilhéus, ao sul da Bahia, esteja em parte comprometida pelo apagamento sucessivo de suas especificidades, a semelhança entre os dialetos associados às sentenças e palavras da língua ainda lembradas pelos índios mais idosos da comunidade podem constituir por inferência um material seguro no que se refere à relação entre letra e fonema. Ayron dall'Igna Rodrigues (1945) indica, inclusive que, embora o Tupinambá seja a única língua extinta da família Tupi distante quase três séculos das línguas Tupi atualmente faladas no Brasil, talvez seja uma das quais tenha seu sistema fonológico mais claramente delimitado.

A língua é um importante fator de afirmação identitária para os Tupinambá de Olivença e enquadra-se num cenário socioeconômico maior: a luta pela demarcação das terras, a luta por respeito e reconhecimento da legitimidade étnica por parte da sociedade envolvente. Nesse quadro, o *Vocabulário Escolar Tupinambá – Português* contribuirá significativamente para esta retomada linguística.

REFERÊNCIAS

- ANCHIETA, José. *Arte da Gramática da Língua mais usada na costa*. Antonio de Mariz, Coimbra 1595.
- BOGAARDS, P. Uses and Users of dictionaries. In: STERKENBURG, P. *A practical guide to lexicography*. Amsterdam/Filadelfia: John Benjamins Publishing Company, 2003.
- CALUWE, J.; SANTEN, A. Descriptive Lexicography: Phonological, morphological and syntactic specifications in monolingual dictionaries. In: STERKENBURG, P. *A practical guide to lexicography*. Amsterdam/Filadelfia: John Benjamins Publishing Company, 2003.

⁶ De fato, não é [i] porque não é anterior e não é [u] porque não é posterior. Sendo central, fica entre as duas vogais mencionadas, por isso há a esta aproximação por falantes de uma língua cujo sistema fonológico possui [i], [u], mas não [ɨ].





CÂMARA JR, J. M. *Introdução às línguas indígenas brasileiras*. 3 ed. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 2003.

ÊRNAK, F. Source materials for dictionaries. In STERKENBURG, P. *A practical guide to lexicography*. Amsterdam/Filadelfia: John Benjamins Publishing Company, 2003.

DIAS, A. G. *Dicionário da Língua Tupi chamada língua geral dos indígenas do Brasil*. Lipsia: F. A. Brockhaus, 1858.

FARGETTI, C. M. *Estudo fonológico e morfossintático da língua juruna*. 2001. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas/SP, 2001.

RODRIGUES, A. D. Fonética Histórica Tupi-Guarani Diferenças fonéticas entre o tupi e o guarani. *Arquivos do Museu Paranaense*, vol. IV, Artigo XIV (Separata), p. 334 -354, 1945.

SVENSÉN, Bo. *A handbook of lexicography: The theory and practice of dictionary-making*. Cambridge: Cambridge Press, 2009.

